TRILOGIA CUIABANA

)ossatura da cuiabania(

SILVA FREIRE

TRILOGIA CUIABANA

)ossatura da cuiabania(

Volume 3
Cultura & busca de identidade

Organizadores
Larissa Silva Freire Spinelli
João Paulo Lacerda Paes de Barros
Maria Teresa Carrión Carracedo

entrelinhas

Cuiabá, 2021

© 2021. Silva Freire.
Direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora e Casa Silva Freire.

Edição e projeto gráfico Maria Teresa Carrión Carracedo
Revisão de textos introdutórios Marinaldo Custódio
Pesquisa iconográfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Arte-finalização Maike Vanni
Assistente na edição Rafael Carracedo Ozelame
Foto da capa *Coluna de pedra canga (2021)*
[no sítio de José Lobo, em Santo Antônio do Aterrado]
Foto de MCarracedo, com suporte de Letícia Lobo | C&C

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freire, Silva
Triologia Cuiabana : ossatura da cuiabania / Silva Freire ; organização Larissa Silva Freire Spinelli, João Paulo Lacerda Paes de Barros, Maria Teresa Carrión Carracedo. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas Editora, 2021. --
(Cultura e busca de identidade ; 3)

ISBN 978-65-86328-43-1

1. Cuiabá (MT) - Contos 2. Contos brasileiros 3. Poesia brasileira I. Spinelli, Larissa Silva Freire. II. Barros, João Paulo Lacerda Paes de. III. Carracedo, Maria Teresa Carrión. IV. Título. V. Série.

21-89431 CDD-B869.3
B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Reprodução proibida
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc, – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização.

ENTRELINHAS EDITORA
Av. Senador Metelo 3.773, Jardim Cuiabá • CEP 78030-005 – Cuiabá, MT, Brasil
Distribuição e Vendas: (65) 3624 5294 • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

— O homem que seria se eu não tivesse sido a criança que fui.

Camus

É Cuiabania toda criação que surge aqui e daqui pra frente como o homem que nasce a cada instante entre nós.

Wlademir Dias-Pino

— **Um povo se faz**
pelo conjunto de suas mazelas;
pela soma de silêncios;
pelo sorriso em oferta...

PREFÁCIO

Larissa Silva Freire Spinelli[1]
e Célio da Cunha[2]

O poeta dando de beber
o tempo ao tempo...

A epígrafe nos parece apropriada para compreender, por um lado, o tempo e as circunstâncias propícias para a edição do volume 3 da obra *Trilogia cuiabana*, intitulado *)ossatura da cuiabania(– Cultura & busca de identidade*, do poeta mato-grossense Benedito Sant'Ana da Silva Freire e, por outro, o seu projeto literário.

A publicação de *)ossatura da cuiabania(* em 2021 apresenta parte importante da produção literária de Silva Freire e completa um ciclo de produção intelectual dedicado a delinear a identidade cultural cuiabana – nominada pelo poeta de *Cuiabania* –, resultado de vinte anos de pesquisas realizadas pelo autor, documentando aspectos variados do processo cultural e histórico da região que abrange todo o Vale do Rio Cuiabá.

Nos volumes 1 e 2, publicados em 1991, este levantamento territorial, a exemplo do Modernismo, se voltou para as lendas e folclore, não obstante sua influência exógena. Já o volume 3 apresenta a territorialidade como vanguarda e inovação, uma vez que se trata da produção singular de um poeta que participou das bases do Intensivismo – movimento literário

1 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1991). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002) e doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura pela Universidade Federal de Mato Grosso (2018). Atualmente é docente do Centro Universitário de Várzea Grande – Univag e Diretora Geral da Casa de Cultura Silva Freire.

2 Bacharel e Licenciado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1968). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (1980) e doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1987). Pós-doutor pela Universidade Lusófona de Ciência e Humanidades de Portugal. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica de Brasília. Foi assessor especial da Unesco no Brasil.

gestado em Cuiabá –, contribuindo para a conformação inicial das vanguardas brasileiras do Concretismo e do Poema//Processo e que contribui para a literatura nacional por meio de um caminho próprio.

Um diálogo-entrevista intercalado por croni-contos-poemas vai expondo ao leitor a ossatura cuiabana. Entendemos que o sentido da palavra ossatura propõe uma analogia ao conjunto de ossos que sustenta o corpo humano, estrutura móvel, dinâmica, que sustém um todo em busca de equilíbrio. Nesta obra, Silva Freire disseca, interpreta e projeta, em detalhes, o processo cultural e histórico desta região até expor a sua ossatura, a anatomia de um povo. "Anatomia cuiabana", como a denominou Magalhães[3], devido ao seu visceral compromisso com a cuiabania. No empenho de capturar o movimento da ossatura, ação poética que vive a criação literária com o corpo em trânsito pela cidade, significando-a no aqui e agora, ou seja, "VIDA/VIVA". As afinidades entre a etnologia e a literatura se devem, entre outras razões, ao interesse pelo detalhe, pela preocupação com o microscópico. O escritor é um "escavador de detalhes", como disse Laplantine[4]. Para Silva Freire, Cuiabá é "miríades de detalhes".

A *Trilogia cuiabana*, que ora se completa, resulta da indignação, resistência e (des)cobrimento das pulsões soterradas pela modernidade/colonialidade. Nos três volumes o poeta e a cidade se fundem em um trabalho poético-amoroso-etnográfico no esforço de tirar do silêncio, do encobrimento, da subalternização, do abandono, a riqueza epistemológica do homem do sertão mato-grossense, e a subjetividade cuiabana que se traduz no chão das experiências telúricas, na audição e registro do "poema sonoro que este povo fala" – o linguajar cuiabano –, nas múltiplas vozes dos anônimos doadores de *Cuiabania*. Em outras palavras, "fidelidade telúrica" para com sua cidade, entendida como um comple-

3 MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da literatura de Mato Grosso*: século XX. Cuiabá: Ed. Unicen, 2001. p. 171.

4 LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. Trad. Marie-Agnès Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 179.

xo conjunto poético, cultural e social no entrecruzamento dos modos de ser e viver "tradicionais" e a avassaladora modernização necessária, como a identificaram Leite & Spinelli[5]. Portanto, uma crítica cultural à cidade que se moderniza. Modernização que não pode deixar à margem as marcas cognitivas do processo histórico da *Cuiabania*. Marcas que são fundamentais para dar sustentação aos avanços civilizatórios em marcha, porém sem perder o chão da história. Engana-se quem pensa que o termo *Cuiabania* se resume a tradição, pelo contrário, ele se encontra no fluxo do processo civilizatório a partir das vivências contemporâneas alertando, como disse o poeta no volume 1 desta trilogia: "não se tapa o passado, goteira-o, por entre dentes..." (FREIRE[6]).

Na última entrevista do poeta, que o leitor encontra ao final do livro, Silva Freire avalia que a obra pode ser um livro de "teses", anarquista, sério, moleque, de pesquisa, da inconformação, almanaque ou um livro "em ciclo PEDRAS", já que pretendia encerrar com este poema, fruto de "quase oito anos de pesquisa, observação, elaboração sensitiva e luta física com as palavras" (FREIRE[7]). Poemas-pedras que Silva Freire deixou pra serem polidos para todos os que querem ver Mato Grosso caminhando ancorado nas lições e ensinamentos de sua ancestralidade.

A obra de Silva Freire se inscreve no processo de repensar o Brasil em direção a uma nova epistemologia que tem seu nascimento registrado na América Latina, se configurando como uma das contribuições de Mato Grosso à literatura nacional e ao processo de emancipação intelectual brasileira. Mais ainda, a emancipação do nosso país. Eis o poeta dando de beber o tempo ao tempo!

---

5 LEITE, Mário Cezar Silva; SPINELLI, Larissa Silva Freire. "Memórias Culturais, Vanguardas: poéticas-experimentais, PoetiCidades". In: BERND, Zilá; SILVA, Maria Luiza Berwanger (orgs.), *Memória social e cidade*: práticas, representações e imaginários. Canoas: UnilaSalle Editora, 2018, p. 135.

6 FREIRE, Silva. *Silva Freire: social, criativo, didático.* Catálogo de exposição. Semana de Letras de 16 a 20 de Junho, UFMT. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1986. p. 27.

7 Ibid., p. 196.

30 ANOS DEPOIS

Larissa Silva Freire Spinelli[1],
João Paulo Lacerda Paes de Barros[2]
e Maria Teresa Carrión Carracedo[3]

A publicação de *Trilogia cuiabana:)ossatura da cuiabania(* – volume 3: *Cultura & busca de identidade*, de Silva Freire (1928-1991), se realiza trinta anos após o lançamento dos volumes 1 *)presença na audiência do tempo(* e volume 2 *)na moldura da lembrança(*. Os dois primeiros volumes foram publicados pela Edições UFMT, após a morte do poeta, em 11 de agosto de 1991, e foram organizados e diagramados pelo poeta e artista visual Wlademir Dias-Pino (1927-2018).

No início da década de 1990 o volume 3 desta trilogia também recebeu a programação visual de Dias-Pino, que o considerou pronto para publicação. No entanto, o boneco do livro foi extraviado nas dependências da UFMT, em Cuiabá, onde trabalhava, durante um período de sua estadia no Rio de Janeiro, o que inviabilizou a sua publicação. Anos depois, fragmentos do boneco com poucas pistas de um esboço de programação visual foram encontrados no acervo do poeta Silva Freire, jun-

1 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (1991). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2002) e doutora em Estudos Interdisciplinares de Cultura pela Universidade Federal de Mato Grosso (2018). Atualmente é docente do Centro Universitário de Várzea Grande – Univag e Diretora Geral da Casa de Cultura Silva Freire.

2 Bacharel em Direito pela Universidade de Cuiabá, Unic (2012), com especialização *Latu Sensu* em Direito Administrativo pela rede Luiz Flávio Gomes, LFG (2014), advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Mato Grosso, OAB/MT (2012) e técnico em Eletrônica pelo Instituto Federal de Mato Grosso, IFMT (2013). Oficial de Justiça do Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso, TJMT e diretor associado da Casa de Cultura Silva Freire.

3 É editora, jornalista, comunicóloga e designer gráfico-editorial; licenciada em Geografia pela UFMT (1989); bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade de Cuiabá, Unic (2004); Máster em Edición pela Universidade de Salamanca, Espanha (2010); editora da Entrelinhas desde a sua fundação, em 1993. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

tamente com um rascunho inicial do que poderia vir a ser um sumário do volume 3.

Os textos que compõem este volume 3 foram digitados na Entrelinhas Editora[4]. Dias-Pino acompanhou pessoalmente esse trabalho[5]. O design e montagem dos livros Dias-Pino fazia manualmente, pelo sistema de *pastup*, cortando e colando textos e imagens em mesas de réguas paralelas[6]. A editora conservou os arquivos intactos durante todos esses anos[7].

Desde o falecimento de Silva Freire, a família do poeta e a Entrelinhas se propuseram a realizar a publicação do volume 3, incluindo a parceria com a EdUFMT, sob a coordenação de Dias-Pino. Mas, por motivos diversos, ela não se realizou.

Neste ano de 2021, um conjunto de fatores nos levou ao melhor momento, para, finalmente, realizar a publicação e completar a trilogia. Em 2018, Larissa Freire, filha do poeta, defendeu a sua tese de doutorado, depois de debruçar-se sobre a obra de Silva Freire ao longo de quatro anos, o que possibilitou um aprofundamento e análise mais ampla da literatura silvafreireana. Em 2019, a Casa Silva Freire, já na condição de Ponto de Cultura, com o apoio da família Paes de Barros, instala a sua sede no espaço onde foi o escritório de advocacia do poeta. E em 2020, ano em que completou dez anos de fundação, propôs o Projeto "Acervo do Poeta Silva Freire: catalogação e digitalização", aprovado no Edital MT Nascentes, da Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Lazer de Mato Grosso, financiado pela Lei Aldir Blanc. O projeto contou, entre outros colabora-

4 Por Ricardo Miguel Carrión Carracedo e Walter Barbosa Galvão. Eram os primeiros anos da editora, criada em um escritório e garagem de casa residencial, no bairro Dom Aquino.

5 Que resultou em textos impressos nas primeiras impressoras a laser, em papel comum, uma tecnologia que estava surgindo em substituição à fotocomposição, impressa em papel fotográfico, muito cara à época.

6 Programas de paginação eletrônica como Page Maker e Ventura Publisher, Quark Xpress e InDesign logo viriam a ser inventados e popularizados, mudando para sempre a indústria editorial e de design gráfico.

7 Transferindo-os dos antigos computadores 286 e 386 para disquetes de 5 ½", seguidos por disquetes de 3 ¼", depois CDs, DVDs, e por fim em HDs com diferentes taxas de transmissão de dados.

dores, com a consultoria da historiadora professora Elizabeth Madureira Siqueira, experiente na organização de acervos privados. Assim, o acervo de Silva Freire foi reunido, organizado, catalogado e digitalizado nas instalações da Casa Silva Freire – conquista importante para tornar possível a gestão do legado do poeta.

O acervo agora reunido e catalogado apresenta a produção do poeta ao longo da sua vida, tanto no campo literário quanto jurídico, jornalístico e político, integrando textos de gêneros variados – parte significativa ainda inédita. A organização do acervo foi muito importante para que a Casa Silva Freire pudesse analisar as diversas vias de originais de cada poema, conto ou de outros textos de gêneros variados de sua produção literária, na maioria datilografados e com cópias contendo correções do poeta. Não raro pudemos encontrar até quatro cópias de poemas ou contos, além desses mesmos textos publicados em revistas, jornais ou livros, em diferentes datas, antes e depois da morte do autor. Uma análise atenta e apurada precisou ser realizada em todos esses originais e versões publicadas, observado suas respectivas datas, de forma a identificar o último original a ser considerado na publicação atual, o que foi minuciosamente realizado por João Paulo Lacerda Paes de Barros. As interferências de próprio punho do autor, que corrigia os seus textos depois de datilografados, e às vezes realizava nova cópia datilografada incorporando as modificações, foram indicativos importantes para essa análise e identificação da sua última revisão. Percebemos que muitos dos textos publicados em livros e jornais apresentaram significativas diferenças, incluindo correções inapropriadas ao texto original do autor, principalmente quando ele buscava uma transcrição fonética do linguajar cuiabano.

Ao assumir a publicação do volume 3 da *Trilogia cuiabana:)ossatura da cuiabania(*, 30 anos após a morte do autor, decidimos não tentar ilustrar o livro como o faria Dias-Pino, tendo em vista a singularidade do seu trabalho artístico. Mas, para que haja uma conexão com o autor, o momento em que ele produziu e publicou, e com o design gráfico dos

primeiros dois volumes, escolhemos utilizar algumas imagens simbólicas que podem representar o sentimento do poeta em relação à cidade e a sua paixão por Cuiabá, sua gente e suas práticas culturais. Assim, a pedra canga em seus diferentes estágios de fragmentação natural, troncos de árvores do cerrado, um muro centenário de taipa socada, telhados com antigas coberturas de telhas de barro, gradis de casas coloniais e neocoloniais, pisos de ladrilhos hidráulicos do início do século XX, cajueiros floridos, mangueiras, chão batido coberto de folhas de diversas espécies do cerrado, pavimento e afloramento de pedra cristal, São Benedito, Rondon, crianças e suas brincadeiras de rua nos bairros da cidade, suas igrejas e outros símbolos de religiosidade, passeio de canoa no rio Cuiabá, banho no rio Coxipó..., são imagens evocativas desse sentimento.

A atualização ortográfica dos textos com linguagem corrente ou literária foi realizada. Os textos que registram uma linguagem oral, com expressões próprias do sertanejo, de ribeirinhos e de "tipos" cuiabanos e mato-grossenses, foram mantidos na grafia original registrada pelo autor, em geral uma transcrição fonética do "poema que o povo fala", como ele se refere ao linguajar cuiabano.

A parte inicial do livro foi apresentada na sequência organizada por Dias-Pino e Silva Freire, de acordo com os textos digitados há 30 anos e o cotejamento com o índice inicial e os fragmentos do boneco original. Em seguida, duas partes sequenciais foram nominadas, uma para abrigar os textos em prosa (contos), e outra para os poemas. Para encerrar o livro, como anunciado por Silva Freire em sua última entrevista, segue a "em ciclo PEDRAS" – um grande poema com 298 blocos, abordando "as pedras da vida cuiabana".

No projeto gráfico desta edição mantivemos o formato dos primeiros volumes. A família de fontes escolhida para o corpo do texto e títulos é a Minion[8], uma letra serifada, em tamanho de agradável leitura e

8 Formatada pelo designer de fontes digitais Robert Slimbach (Evanston, Illinois, 1956), em 1990,

entrelinha confortável, para todo o livro. Espaçamento e arranjo dos textos em prosa e poemas procurou reproduzir a intenção do poeta expressa nos originais. As poucas imagens selecionadas são fotografias traçadas, às vezes invertidas – recurso que Dias-Pino utilizava, manipulando fotolitos por processos manuais e de recorte, no sistema de impressão offset utilizado nas décadas de 1970 a 1990[9].

Assim organizamos o volume 3 da *Trilogia cuiabana*, com o subtítulo *)ossatura da cuiabania(*. O livro oferece uma extensa dedicatória do poeta aos produtores de tecidos culturais, apresenta as "Heranças" da cuiabania, "Nas ondanças de quintais, defronte do sertão". Na sequência, 33 "Poemas" e 13 textos em prosa (Contos), seguidos pela "em ciclo PEDRAS", conforme a grafia da última versão identificada junto ao acervo de Dias-Pino, sob os cuidados de Regina Pouchain.

Encerrando a edição de *)ossatura da cuiabania(*, acrescentamos a "Última entrevista" que o poeta concedeu, publicada na Revista Contato-Hoje, em 6 de junho de 1991. Freire faleceu dois meses depois. A entrevista, segundo *lead* do jornalista André Machado, resume "A trajetória de um revolucionário da literatura, ex-preso político, profissional brilhante e sobretudo um amante da vida". Entendemos ser importante constar nesta publicação a íntegra desta entrevista, tendo em vista que o poeta, além de tratar da sua trilogia, apresenta seu pensamento social, analisa o seu processo criativo e sua contribuição para a literatura nacional.

Acompanha o livro um documentário sobre o poeta Silva Freire, baseado em sua última entrevista e em alguns poemas publicados em *)ossatura da cuiabania(*. O documentário é dirigido e produzido por Juliana Segóvia, Maurício Pinto e Sérvulo Del Castilho.

O livro e o documentário foram resultado do projeto apresentado pela Casa Silva Freire ao Edital Conexão Mestres da Cultura, financiado

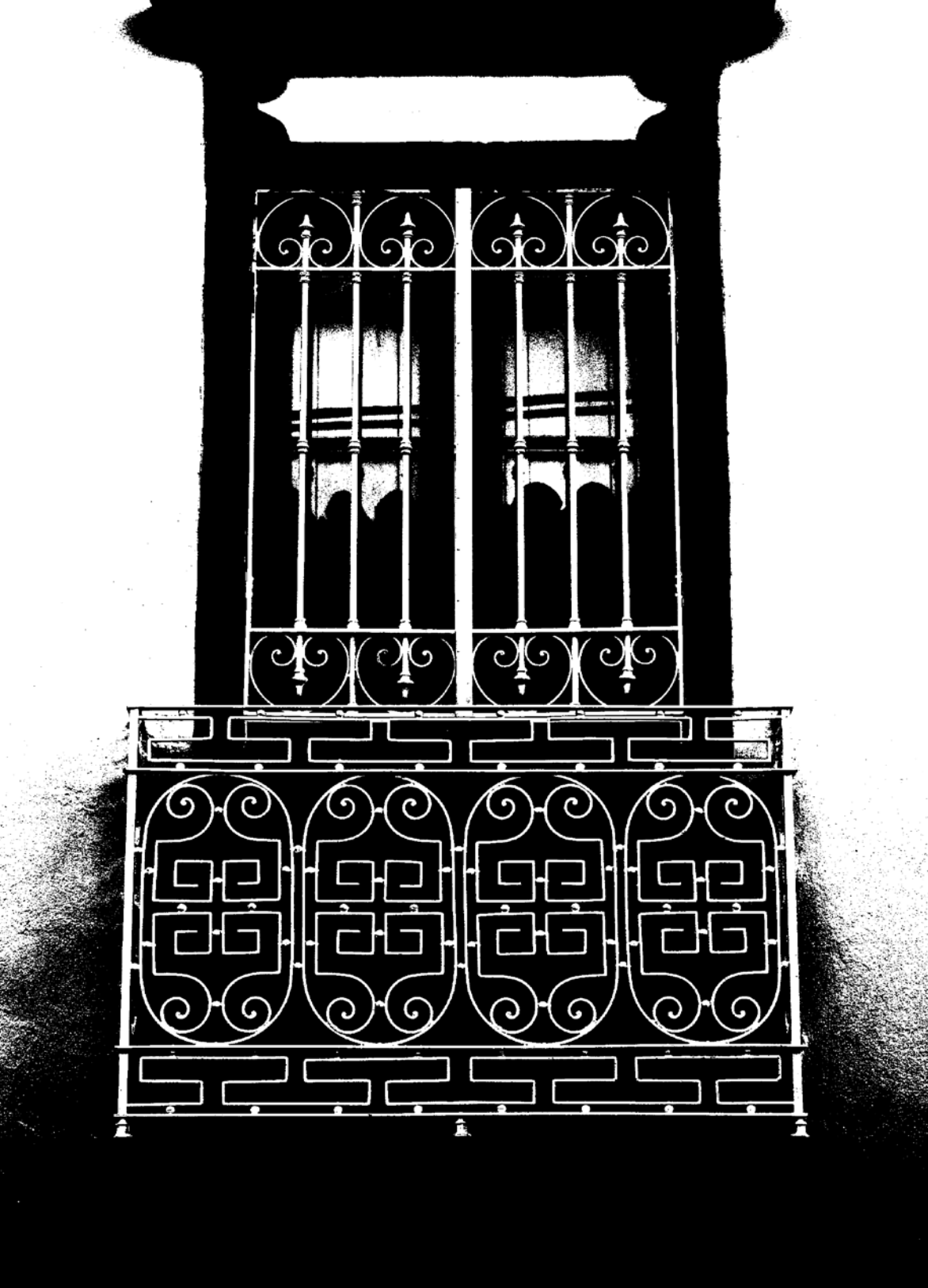
---

para a Adobe Systems. A fonte é inspirada pela tipografia utilizada no fim da era da Renascença.

9 Atualmente programas de manipulação e tratamento de imagens oferecem possibilidades ilimitadas de manipulação e mescla de efeitos e fusão de imagens.

pela Lei Aldir Blanc, através da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer de Mato Grosso.

Por fim, todo o esforço da Casa Silva Freire e dos organizadores foi o de alcançar o resultado mais próximo da vontade expressa em vida pelo poeta Silva Freire para este terceiro volume que completa a sua *Trilogia cuiabana*. Que esta publicação e documentário ofereçam as reflexões e contribuições que permitam ampliar o conhecimento, os estudos e a divulgação de um autor e sua obra dedicada ao seu tempo e à sua gente.



... e para

Leila	caminheira, comigo, dos trilhados sentir as buscas e desvendar achados pisados de tempo.
Daniela	determinação de ser no levantar escondidos falares da psicologia infantil.
Raul e Larissa	o ângulo plural da arquitetura social na pintura nascente...
Murillo	herdeiro do chão-do-Cerrado: paredão de rendas clorofiladas.
Glenda	pêra como de piraputanguinha dourada de nadar a vida que se vai correndo nos pincéis telados...

... e, especialmente

Ana Camilla		porque:
a vinda		do
filho	/	filha
nos dá		certeza de
VIDA	/	VIVA
mas		a da
neta	/	neto
nos		transmite
a		sensação de
permanência		na VIDA...

... e aos produtores de tecidos culturais:

— Octayde Jorge da Silva // cronista de tchapa-e-cruz.
— Antônio de Arruda // mestre escondido no aprendiz da vida.
— Dunga (Dunguinha... Din... Don...) Rodrigues.
— Moisés (capital cem réis) M. Martins Júnior // pesquisando.
— Aroldo Tenuta // escultor das formas expostas de Maria Taquara.
— Martha e João Pedro // (peralteando, perarteano) Arruda, durmi-durmi e nós.
— Maria da Glória Albuês // biguá-baguá do "curral das águas".
— Maria Lygia de Borges Garcia // alegre poesia musicada na dor.
— Corsíndio Monteiro // por que "Está em Silêncio o Jardim de Academus"?!
— Lúcia Palma, Luiz Carlos Ribeiro, Zuleika de Arruda, Dalva de Barros e João Sebastião // que não foram ao vento, não perderam o assento do motcho.
— Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Antonieta Ries Coelho, José Rabelo Leite, Avelino Tavares e Aline Figueiredo // cepo de tgente cuiabana, abão!
— Gervane de Paula, Adir Sodré // engasgo plástico no livro-crítico de lá...
— Gabriel Novis Neves // umidade e semente no **campus** universitário.
— Marilza Ribeiro, Gentil Bussiki, João Bosquo, Martha Catunda, João Elói e Ivens Cuiabano Scaff // bate-num-quara de "borrifo que cai..."
— Padre Raimundo Pombo // "olímpico" na cátedra, no palco, na tribuna sacra, rascunhando letras acadêmicas.
— Luiz Felipe Pereira Leite, Ernesto Borges, Ulisses Calháo, Júlio Delamônica Freire e José Paes Bicudo // ledores de ensinar a transmissão oral do Vale do Cuiabá.

— Benedito Pedro Dorileo, José Vinagre, Benilde de Moura, Aires da Luz, Nazi e Ramis Bucair // cuiabania no pelo esperto do vento..., digoreste!
— Lenine de Campos Póvoas, Arquimedes Pereira Lima, Gervásio Leite e Wanda Marchetti // peneira fina de abanar pixé, ao sopro-fole do gosto, seco.
— João Vieira, Célio da Cunha e Geraldo Dias da Cruz // primeiros **cuianeiros** da sociologia, pedagogia e **escrita da bateação** no **monchão coroado**.
— Carlos Francisco Moura // minerador de saraquá e carumbé, escriturando a história das artes, em Mato Grosso.
— João Antônio Neto // no telhado do sentir as letras, e muqueca-de-jeripoca num refogado de cambuquira, haja Deus!
— Josefina Paes de Barros, Ana Lúcia F. Dall'Otro e Yasmin Nadaf // trancelim da tecelagem do enrosco que o povo fala.
— Maria Augusta Carmo Ferraz, Maria Francelina e Maria Manuela Renha de Novis Neves // marias "inxiridas" de "bisbilhotar" trilheiros trilhados de nossa história, com Lizete Pinheiro, nas letras gramaticais...
— Carlos Gomes de Carvalho, J. Alves e Alfredo Menezes // unitaboando a convivência em cuia... // URSS, entretanto, USA, mesmo porque Espanha.
— Carlos Rosa, Wilson Coutinho, Leopoldino Marques do Amaral e Ubaldo Monteiro // que sabem o que é "pan-curim", "pá-bufo!" e "que nem..."
— Netinha // escrita-escultura de São Benedito.
— Plínio Santeiro, Candi, Bagi e Dª Domingas // artesãos do barro argamassando a solidão despojada de saibro.
— Dª Janil e Dª Terezinha // artesãs do algodão na rede que renda e rende a eternidade que pende do plantão do movimento.

— Almerita Ferraz, Cibele Bussiki e Vânia Levi // impulsoras do balé branco, pois a bailarina baila, o bailarino baile...
— Maria de Lourdes Oliveira, Dalva Lúcia Fortunato, Maria Scaff e Bartira de Mendonça // em luvas teclas-toques-teclados...
— Manoel de Barros // ermo-remo, como sem saída da Rua Porto Geral, na beiçola do Rio Cuiabá, inda pantaneiro ficou.
— Moisés dos Reis Amaral, Natalino Ferreira Mendes, João Felício dos Santos, Rubens de Castro, José Couto Vieira Pontes, Breno Bezerra, Hélio Serejo e Roberto Mello // soldadura da redução dos pés dos Andes à Chapada dos Guimarães..., né Humberto Espíndola!, né, Bené Fonteles!
— Ricardo Guilherme Dicke, José Lobo, Carlos Melo, Clóvis de Melo; Dom Pedro Casaldáliga, Ronaldo de Castro e W. Dias-Pino // êpa!, tem cipó aí!, palavras de tornozelo!
— e... Maria de Arruda Müller // novent'anos de vida-viva! // jovem professora do "idioma" cuiabano // com Liu Arruda destampando o agulheiro de nossas sonoridades...

Cuiabá, 1936 –
"... e onde mais se editam jornais".
Monteiro Lobato

— **em saudade:**

— dos jornalistas, fotógrafos e radialistas —

Amaro Falcão
Ranulfo Paes de Barros
José Feliciano de Figueiredo
Augusto Mário Vieira e Rômulo Corrêa
Alves de Oliveira e Roberto Jaques Brunini
Dª Aurora Chaves e Jercy Jacob
AGRÍCOLA PAES DE BARROS
Caramuru Maciel e Fernando Fernandes
Ituiu de Moraes, Petrônio d'Ávila, Caiado Neto
Juber Félix, Nardinho, Padre Vanir Delfino César
Márdio Silva
Armando Vitório
Euzaidem e Mitu

Isaac Póvoas – Euricles Mota – Amarílio Novis – Feliciano Galdino de Barros – Olegário Moreira de Barros – Bianco Filho – Rubens de Carvalho – Nilo Póvoas – João Nunes Ribeiro – Hélio Jacob – Hilton Martiniano de Araújo – Jaime Ferreira de Vasconcelos – Auro de Figueiredo.

— aos da liça:

Arquimedes Pereira Lima,
Lázaro Papazian, Lenine Póvoas,
Pedro Rocha Jucá, Adelino Praeiro, Eugênio de Carvalho,
Antonieta Ries Coelho, Shirley O. Campos, Lapenda,
Milton Figueiredo, J. Maia de Andrade, Ronaldo de Castro,
José Eduardo do Espírito Santo, Evaldo e Gilson de Barros,
Jê Fernandes, João Pedro Marques, Barbosires, Marcos Villa,
José Aquiles Tenuta, Fernando Figueiredo, Sílvio Gutierrez,
Oscar Gaspar, Onofre Ribeiro, Eduardo Saraiva, Roberto França,
Antero Paes de Barros, Jejé, Maria Thereza, Adeildo Lucena,
Arnaldo Camarão, Mauro Cid Nunes da Cunha, Olney Guimarães,
Fauze Antônio dos Santos, Ivo de Almeida, Ivaldo Lúcio,
Gevê, Dirceu Carlino, Celso Castilho, Nhô Boró, Mário Leite,
Alves de Holanda, Jesus Adrien Filho, Luiz Mário, Amaral Júnior,
Álvaro Scolfaro, José Amilton de Moraes, Antônio Carlos,
Geraldo e Mariza Gonçalves, Dorileo Leal, Pompeu Filho,
Emanuel Daubian, Montezuma Cruz, Vinícius Danin,
Saulo Gomes, Ferraz Júnior, Antoninho, Gabriel Papazian,
Foto Elza, Foto Rubens, Foto Paiva,
WALDEMAR BALLOCK, Rubens Paes de Barros Filho,
Lino (2 abraços) Pinheiro, Edivaldo Ribeiro, Mamed Roder,
Edipson Morbeck, Alex Almeida, Tinho Costa Marques //
da fotografia ao microfone, mas incutidos na revisão
da prova-de-granel.

— **dos e aos maestros, compositores, pianistas, músicos e intérpretes.**

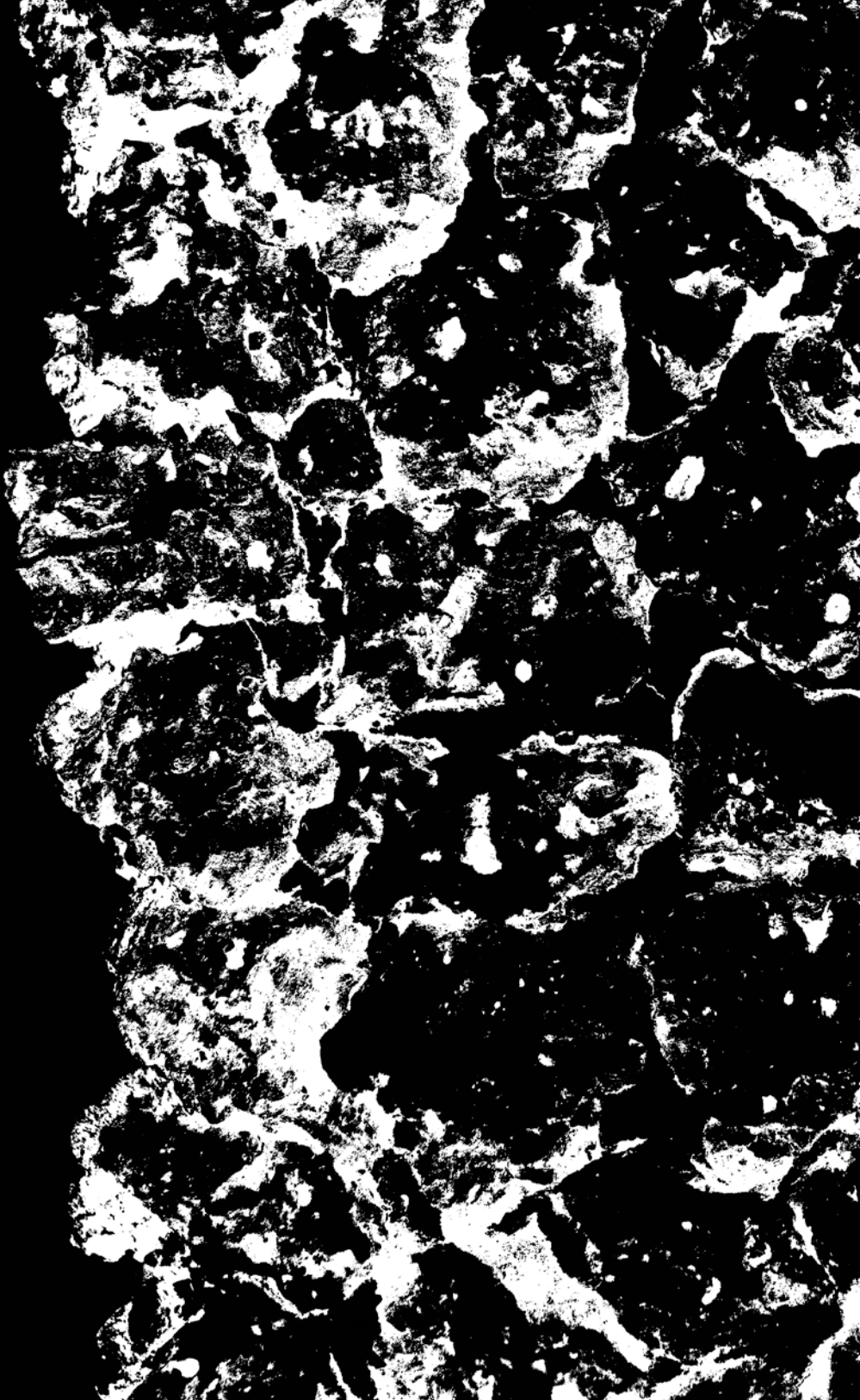
— "morte, onde está
tua vitória?"
— maestro Emílio Heine
— compositores Simaringo, Zulmira Canavarros, Levino Albano
  — mestres Ignácio, Albertino, Mamede Rondon, Salustiano, Marinho Fonseca, João Rufino Galvão, Tte. Mamede, José Jacinto de Carvalho.
  — compositores Thomázia Calháo, Dante Miraglia, Tote Garcia, Darwin Monteiro, Odare Vaz Curvo, Maria e Jorge Pommot, Zuto Zonítero Albuês, José Rosa, José Maciel e Zé Bolo-Flô.
  — músicos Mário Bife, Sinfrônio, Vitorino Anacleto e Sargento Agenor.
  — intérpretes Bráulio Bilier Beck e Lobinho.
— maestro Penha / pistão de lâmina-prata.
— mestres China e Luiz Marinho / sax-tenor em recurvos labirintos de amor
Alcindo / politonando metal no paliteiro da noite.
João Feijão / sexto violão caligrafando escalas.
Paulo Andrade / doze cordas nas escritas sonoras.
— maestro Arcelino A. Ferreira / desdobrando o sobrado em sacadas de ferro dobradas.
— maestro Waldemar Pessoa Filho / parte e reparte filigranas de partituras no linho do encanto.
Jacildo / cordas de viola e guitarra no esmalte-teclado.
Neurozito / morenidade no repertório-músico.
Vicente da Flauta / retidão do som de agulha.
Alcione / piruetas faladas dos sete instrumentos.
Tunta / violão de anjo, estilhaçando azuis.
Bugrinho / um banjo em prece sonorizado de ameno.

Gigo / veludo no violão que dedos de asas ninham.
Bolinha / noiteador da vida, no ventre-sax-tenor.
Ziede Coutinho / imã entre dedos vibrando o cordoamento da voz...
Mindo / banjo no goto da palheta do limpa-banco.
Ernestino / espinha-de-peixe politonando como seiva sonora do pinho.
Eronides / geometria elétrica na carga da bateria.
Nenê Caroco / que banho-bando-bandolim em festa.
Carlos Silva / algodão-doce que se ouve e pega no ar o toque e o canto.
José Mauro Dorileo / renascença do dedilho com elementos.
César Ribeiro / canta o violão no poema de amar-amigos.
Jorge de Matos / compondo o desenho escrito no braço-bordão.
Jeremias / abaixo o contra, que o contrabaixo sustenta!
Moraci / os arrepios blindados dos ritmos empratados de síncopes...
Hélio do Cavaquinho / rezando a ladainha dos santos canoros.
Agápito / saltimbanco instrumental numa escola sem matrícula.
Nilson Constantino / constância em Conjunto de Serenata na rota em roda-de-tradição.
Deschamps / acorda o violino no arco do queixo.
Names Ourives / coração imaterial no ponteio do solo e apoio...
Altamiro / escultura sensível em si-be-mol-ligeiro...
Gilson Amarília / da fronteira da harpa, um violão cuiabano.
Justino Pereira Leite / Giannini juvenil nos tons de permanência.

— mestre Renato Perez / saxificando as derivações de túneis...
— mestre Cardoso / hinário de só-conjunto-singular aci-garrado de aplausos.
Benjamim Ribeiro / "canta o índio... canta a mulata... canta o cor de prata... todo mundo..."
Frederico Urlass Filho / o clássico musical na partitura do manche.
— maestro Conrad Wimmer / no canto coral a coreografia do gesto, suspensa...
— maestro Marcelo Bussiki / jovem regência de alegria classi-povo.
Os Cinco Morenos / essa verdez de música brotando a gente do bombo, da rabeca e o bandolim...

... e os Intérpretes

Figueiredo – Marcinha – Hamilton – Juarez – Mafalda – Zelino – Sheyla – Aldair Gonçalves – Jaci Amorim – Elizete – Maria Canavarros e Arnaldo (Ó Leverger...!) Leite, alunos do som, em devoção à Santa Cecília, padroeira



PREFÁCIO
Célio da Cunha e Larissa Silva Freire Spinelli 9

30 ANOS DEPOIS
Larissa Silva Freire Spinelli, João Paulo Lacerda Paes de Barros
e Maria Teresa Carrión Carracedo.....13

[DEDICATÓRIAS] 21

HERANÇAS.....35

NAS *ONDANÇAS* DE QUINTAIS,
DEFRONTE DO SERTÃO.....73

POEMAS.....85

Interior do compromisso.....87
Notícias do afogado..... 90
Temário de humildades.....94
Como bastam frutos... 97
Sombras do perfil do movimento.....108
Entre a casa e um incerto lugar 115
Reticências nuas... nos anéis dos seios 123

Gaivota de tábua fina 131
Espaço em branco..... 134
Canto-murmúrio para minha cidade 137
Fabulação do noiteador..... 143
Periferia do homem..... 146
O gameleiro 149
Na costura do rio 155
Imóvel... assim..... 162
Peso preço do morto 166
Espantapássaros..... ...173
... Ao nada mais..... 176
Reunião do tempo 178
Nos vãos da porta vaivém..... 181
Antes que as laranjas se percam na dispensa..... 186
17 notícias no jornal do poema..... 189
Árvore símbolo vida-viva 192
Jorilda..... 197
O corte entre um algo e alguém... 200
Ele... Nele... 202
Chapéu pantaneiro..... 204
No pastoreio da lufada 207
Os pratos..... 209
Pouco como depois... 212
Cuiabá, ou a transição global de si mesma 217
Lições de praia 221
De conceitos 225
Relógio – I, Relógio – II, Impressão, Estudantes...227

CONTOS.....229

Minguinho... minguinho 231
A leitura 234
Um brinde ao caráter!.....238
Chico chocha coxa, o sineiro 242
Cadeira de urubamba 246
A morte de domingão... xi-ri-ri 250
Sambiquira espora, pió-pió!.....255
A japa 259
Usina de pinga / Moenda da vida.....271
Lavanquinha, minhoca e pinhão preto 277
Iarôtátá... 290
Conto de poucas coisas... 292
Artigo do dia.....294

em ciclo PEDRAS..... 304

Uma sintaxe visual 309
Aspectos da imagem modernista 311
Águas de visitação.....312
[em ciclo PEDRAS] 315

[ÚLTIMA ENTREVISTA] 374